



Daniel Simão Nascimento

O Problema da *akrasia* em Platão e Aristóteles

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia da PUC-Rio como parte dos requisitos parciais para obtenção do título de Doutor em Filosofia.

Orientador: Prof^a. Maura Iglésias

Rio de Janeiro
Abril de 2013



Daniel Simão Nascimento

O Problema da *akrasia* em Platão e Aristóteles

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a. Maura Iglésias

Orientadora
Departamento de Filosofia - PUC-Rio

Prof. Danilo Marcondes de Souza Filho

Departamento de Filosofia - PUC-Rio

Prof^a. Ana Flaksman

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Prof^a. Priscilla Tesch Spinelli

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Prof^a. Maria Inês Senra Anachoreta

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Prof^a. Denise Portinari

Coordenadora Setorial do Centro de
Teologia e Ciências Humanas

Rio de Janeiro, 17 de abril de 2013.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Daniel Simão Nascimento

Daniel Simão Nascimento graduou-se em História pela Universidade Federal Fluminense (2003). Como bolsista da CAPES, cursou o mestrado (2007) e o doutorado (2013) em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Durante o doutorado, e também com o apoio da CAPES, cursou um estágio doutoral na Universidade Paris 1 – Panthéon Sorbonne, sob a orientação da professora Annick Jaulin.

Ficha Catalográfica

Nascimento, Daniel Simão

O problema da akrasia em Platão e Aristóteles / Daniel Simão Nascimento ; orientador: Maura Iglésias. – 2013.
271 f. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Filosofia, 2013.
Inclui bibliografia

1. Filosofia – Teses. 2. Akrasia. 3. Platão. 4. Aristóteles. 5. Eurípides. 6. Voluntário. I. Iglésias, Maura. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Filosofia. III. Título.

CDD: 100

Agradecimentos

À PUC-Rio pelos auxílios constantes concedidos ao longo do mestrado e do doutorado.

À CAPES pelas bolsas de estudos que permitiram não somente o doutorado, mas também um ano de estágio doutoral na França que foi fundamental para o resultado obtido.

Aos funcionários do departamento pela atenção e o apoio.

À professora Maura Iglésias pela orientação e por todos os diálogos, os que lemos e os que travamos, ao longo desses quatro anos.

À professora Annick Jaulin pela recepção na Universidade de Paris I, pelo tempo e cuidado dispensados na discussão desse trabalho.

À Priscilla Spinelli, Anna Flaksman e Maria Inês Anachoreta pelas ricas contribuições ao desenvolvimento do trabalho.

Aos familiares pelo suporte e carinho.

Ao meu pai Álvaro pela tão dedicada revisão.

À Gisele, por construirmos veredas.

Resumo

Nascimento, Daniel Simão; Iglésias, Maura. **O problema da *akrasia* em Platão e Aristóteles**. Rio de Janeiro, 2013. 271p. Tese de Doutorado – Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Se ainda hoje permanece a dúvida a respeito da possibilidade de se encontrar, na filosofia grega, um conceito que possa corresponder ao conceito latino de vontade, ninguém parece questionar o fato de que foram os gregos os primeiros filósofos a tentar compreender o fenômeno que hoje chamamos de ‘fraqueza da vontade’ – e que eles chamavam simplesmente *akrasia*.

Embora o primeiro filósofo que tenha empregado tal termo ao discutir o problema tenha sido Aristóteles (EN VII.1), a primeira discussão filosófica acerca da *akrasia* pode ser encontrada no *Protágoras* de Platão. Lá, o fenômeno que é discutido recebe o nome de ‘ser vencido pelos prazeres’. Como sabemos, Sócrates nega que tal fenômeno seja possível e afirma o famoso paradoxo Socrático segundo o qual ninguém erra voluntariamente.

Nosso trabalho tem por objetivo principal traçar uma comparação entre o problema da *akrasia* nas filosofias de Platão e de Aristóteles, para que possamos compreender melhor algo que até hoje é motivo de grandes controversas, a saber, em que medida Aristóteles se afasta da explicação socrática da *akrasia* e em que sentido ele a aceita. Para tal, procuramos esclarecer não somente as diferenças notáveis entre os dois autores no que diz respeito à descrição da *akrasia* mas também à maneira como cada um dos autores concebem o ato voluntário. Além disso, dedicamos nossa introdução à discussão de duas peças de Eurípides, *Hipólito* e *Medéia*, com o objetivo de iluminar isso que poderíamos chamar, talvez, de raízes pré-filosóficas do problema.

Palavras-chave:

Akrasia; Platão; Aristóteles; Eurípides; Voluntário.

Abstract

Nascimento, Daniel Simão; Iglésias, Maura. (Advisor). **The Problem of *Akrasia* in Plato and Aristotle**. Rio de Janeiro, 2013. 271p. Thesis - Departamento de Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Although to this day some doubt remains about whether we can find, in Greek philosophy, a concept that corresponds to the latin notion of the will, nobody seems to question the fact that the greek philosophers were the first to try to understand the phenomenon which today we call ‘weakness of the will’ – and that they called *akrasia*.

Although the first philosopher employed this term when discussing the problem was Aristotle (*EN VII.1*), the first philosophical discussion about *akrasia* is to be found in Plato’s *Protagoras*. In this dialogue, the phenomenon that is discussed is called ‘being defeated by pleasures’. As we know, Socrates denies that such a thing is even possible and affirms his famous paradox according to which nobody errs willingly.

This work’s main goal is to compare the problem of *akrasia* in Plato and Aristotle, so that we can better understand something which is still a matter of great dissent: how much of the Socratic explanation of the phenomenon is accepted by Aristotle and how much of it is discarded? In order to answer this question, I’ve tried to highlight the differences that separate the authors in what concerns both their description of *akrasia* and the way they conceive the voluntary act. I’ve also dedicated the introduction of the work to a discussion about two plays of Euripides, *Hyppolitus* and *Medea*, with the objective of shedding some light in what we might perhaps call the ‘pre-philosophical roots’ of the problem.

Key-Words:

Akrasia; Plato; Aristotle; Euripides; Voluntary.

Sumário

1. Introdução	11
1.1. <i>Kratos</i> em Homero	11
1.2. Eurípides e o conflito entre razão e paixão	13
1.3. A <i>akrasia</i> em Eurípides segundo Terence Irwin	20
1.4. <i>Medéia</i>	23
1.5. <i>Hipólito</i>	35
1.6. Um outro olhar sobre a <i>akrasia</i> em Eurípides	43
2. O <i>Protágoras</i>	48
2.1. <i>Akrasia</i> e intelectualismo socrático	48
2.2. O relato da multidão e a pergunta de Sócrates	49
2.3. O prazer e o bem	52
2.4. O hedonismo do <i>Protágoras</i>	54
2.5. A <i>metretike</i> e a força das aparências	59
2.6. Opinião e <i>phantasia</i>	63
2.7. A conclusão do argumento socrático	69
2.8. Platão, Mill e o utilitarismo	75
2.9. O argumento socrático no contexto do <i>Protágoras</i>	79
2.10. Justiça, virtude e <i>metretike</i>	81
3. O <i>Górgias</i>	83
3.1. Plano do capítulo	83

3.2.	A definição da retórica	84
3.3.	O orador, o tirano e a felicidade: o argumento do poder	89
3.4.	Justiça e utilidade	97
3.5.	O ato voluntário segundo Sócrates	101
3.6.	Injustiça e vergonha	103
3.7.	Sobre as aparentes contradições entre o <i>Górgias</i> e o <i>Protágoras</i>	105
3.8.	Cálicles, a retórica e o binômio natureza e convenção	105
3.9.	Hedonismo, <i>akolasia</i> e mais algumas aparentes contradições	109
3.10.	Hedonismo e desenvolvimento no <i>Górgias</i> de Platão	114
3.11.	Sobre o maior dos males	115
3.12.	O ato voluntário e o problema da <i>akrasia</i>	117
4.	<i>A República</i>	119
4.1.	Os fundamentos da interpretação tradicional	119
4.2.	A tripartição da alma e o conflito psíquico no livro IV da <i>República</i>	124
4.3.	A hipótese determinista	129
4.4.	As almas injustas dos livros VIII e IX	135
4.5.	A <i>enkrateia</i> na <i>República</i>	148
4.6.	Leônncio	155
4.7.	Platão e o 'princípio valor-força'	159
5.	O ato voluntário em Aristóteles	164
5.1.	As duas investigações do conceito	164
5.2.	Aristóteles e o paradoxo socrático	164
5.3.	Reprovação, louvor e os limites do constrangimento	168
5.4.	Os atos feitos por ignorância	176
5.5.	Involuntário e não voluntário	180
5.6.	Sobre o papel do conhecimento na ação voluntária	185
5.7.	O vício, assim como a virtude, é voluntário	194
5.8.	O ato voluntário e o problema da <i>akrasia</i> (II)	197

6. EN VII, I-X	199
6.1. O método da investigação	199
6.2. A primeira <i>opinião</i> : <i>akrasia</i> e <i>malakia</i> , <i>enkrateia</i> e <i>karteria</i> ...	200
6.3. A segunda opinião: autocontrole e obstinação	204
6.4. A terceira opinião e a explicação platônica da <i>akrasia</i>	207
6.5. Temperança, autocontrole e algumas formas de <i>akrasia</i> por analogia: as três últimas opiniões	214
6.6. Sobre os objetos da <i>akrasia</i>	215
6.7. A <i>akrasia theriodes</i> e a <i>akrasia tou thymou</i>	220
6.8. Os dois sentidos de ‘conhecer’	224
6.9. Sobre o silogismo prático	226
6.10. O silogismo prático na ação incontinente	231
6.11. Sobre o suposto intelectualismo do livro VII da <i>Ética a Nicômaco</i>	239
6.12. Os dois tipos de <i>akrasia</i> : impulsividade e fraqueza	249
6.13. Aristóteles e o ‘princípio valor-força’	251
7. Conclusão	257
8. Referências Bibliográficas	266

*“One must start out with error and convert it into truth.
That is, one must reveal the source of error, otherwise hearing the truth won’t do
any good.*

*The truth cannot force it’s way in when something else is occupying it’s place.
To convince someone of the truth, it is not enough to state it, but rather one must
find the path from error to truth.”*

- Ludwig Wittgenstein, Remarks on Frazer’s Golden Bough.

*“Les études doivent avoir pour but de donner à l’esprit une direction qui lui
permette de porter des jugements solides et vrais sur tout ce qui se presente à
lui.”*

- Descartes, Règles pour la direction de l’Esprit.